



Ambiente ocupacional e equilíbrio mental: estudo bibliométrico global

Occupational environment and mental balance: a global bibliometric study

Wellington Gonçalves

Doutor em Engenharia de Produção
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
<https://orcid.org/0000-0002-7106-3637>
wellington.goncalves@ufes.br

Histórico do artigo

Recebido em: 10.04.2026
Revisões solicitadas: 06.06.2026
Versão reformulada recebida: 28.07.2026
Aprovado em: 05.08.2026
Publicado em: 05.08.2026

RESUMO

As recentes mudanças na organização laboral intensificaram as exigências psicológicas e ampliaram a exposição a riscos de natureza psicossocial, colocando o bem-estar psíquico como um dos principais desafios da atualidade. A investigação teve como foco a produção científica internacional acerca desses riscos e de sua relação com o bem-estar psicológico no contexto profissional, buscando identificar a evolução das publicações, os autores mais relevantes, os periódicos de elevado prestígio, as redes de colaboração estabelecidas e os principais eixos temáticos. O trabalho foi realizado por meio da base *Web of Science* (WoS), utilizando análise bibliométrica apoiada em planilhas eletrônicas, *Zotero* e *VOSviewer*. Os resultados apontaram para um crescimento expressivo das produções acadêmicas, com destaque para temas centrais como *burnout* e estresse ocupacional, além da liderança de instituições europeias e norte-americanas e da emergência de abordagens voltadas à prevenção e à sustentabilidade organizacional. Assim, foi constatado que o campo apresenta consolidação e expansão, exigindo articulação entre perspectivas críticas e práticas gerenciais para favorecer condições laborais que promovam saúde e bem-estar.

Palavras-chave: Análise bibliométrica; *burnout* ocupacional; redes de colaboração científica; riscos psicossociais; saúde mental no trabalho.

ABSTRACT

Recent changes in labor organization have intensified psychological demands and increased exposure to psychosocial risks, positioning mental well-being as one of the main challenges of our time. The investigation focused on international scientific production concerning these risks and their relationship with psychological well-being in the professional context, aiming to identify the evolution of publications, the most relevant authors, prestigious journals, established collaboration networks, and the main thematic axes. The study was conducted using the Web of Science (WoS) database, applying bibliometric analysis supported by spreadsheets, Zotero, and VOSviewer. The results indicated a significant growth in academic output, with emphasis on central themes such as burnout and occupational stress, as well as the leadership of European and North American institutions and the emergence of approaches oriented toward prevention and organizational sustainability. Thus, it was found that the field shows consolidation and expansion, requiring articulation between critical perspectives and managerial practices to foster working conditions that promote health and well-being.

Keywords: Bibliometric analysis; occupational burnout; scientific collaboration networks; psychosocial risks; mental health at work.

Introdução

As mudanças socioeconômicas atuais - marcadas pela instabilidade dos mercados, pela intensificação da competitividade e pela rápida evolução tecnológica — exigem dos trabalhadores maior versatilidade e disponibilidade constante. Nesse cenário, os riscos psicossociais assumem papel central, devido afetarem a robustez, o desempenho e o desenvolvimento suportável das instituições (Lara-Moreno et al., 2025).

A produção científica tem demonstrado de forma consistente a relação entre a configuração do trabalho e a saúde mental. Neste contexto, estudos sistemáticos têm evidenciado que o desequilíbrio entre demandas cotidianas, que à primeira vista podem parecer inofensivas, e a disponibilização, bem como a utilização de recursos mitigadores, configura um fator relevante para o desenvolvimento de transtornos mentais comuns (Stansfeld & Candy, 2006; Steptoe & Kivimäki, 2013; Lentner et al., 2025). Situações de baixa autonomia, pressão intensa e práticas de assédio estão associadas ao aumento de sintomas depressivos (Theorell et al., 2015). Entre as manifestações mais graves, destaca-se o *burnout*, que se apresenta como resultado de ambientes laborais desfavoráveis e gera repercussões físicas e ocupacionais significativas (Salvagioni et al., 2017).

Esse fenômeno, ao se instalar, compromete de maneira direta a saúde psicológica no trabalho, intensificando quadros de ansiedade, depressão e prejuízos cognitivos. Além disso, ele eleva a probabilidade de afastamentos e rotatividade, tornando-se um fator que ultrapassa a esfera individual e impacta a produtividade, a coesão das equipes e a sustentabilidade organizacional (Barros et al., 2025; Nascimento Teixeira et al., 2025).

Outra abordagem sobre essa temática pode ser vista no modelo de *Allostatic Load*, que mostra como estressores crônicos desencadeiam processos fisiológicos cumulativos, afetando sistemas neuroendócrinos e cardiovasculares (Ganster & Rosen, 2013). Nesse sentido, o *burnout* pode ser compreendido como expressão concreta da sobrecarga alostática, traduzindo em sintomas clínicos e ocupacionais os efeitos prolongados da exposição a demandas excessivas sem recursos adequados de enfrentamento. A centralidade do burnout na literatura também se relaciona ao desenvolvimento e difusão de instrumentos de mensuração, como o *Maslach Burnout Inventory*, amplamente utilizado em estudos internacionais sobre exaustão profissional (Barros et al., 2025; Nascimento Teixeira et al., 2025).

A intensificação das metas, associada à globalização e ao teletrabalho ou *gig economy*, ampliou a complexidade dos riscos, tornando-os multifatoriais e exigindo novas abordagens analíticas (Setta & Lucca, 2024; Himani Srihita et al., 2025). A literatura clássica já apontava a interdependência entre fatores organizacionais, sociais e individuais na gênese do sofrimento laboral (Lara-Moreno et al., 2025). Investigações recentes buscam identificar determinantes e propor estratégias de mitigação (Di Tecco et al., 2023), porém diversas permanecem restritas a recortes setoriais ou temporais, reforçando a necessidade de revisões sistemáticas que articulem bibliometria e análise de conteúdo, oferecendo visão crítica da evolução do campo (Donthu et al., 2021; Jones, 2024).

Diante desse panorama, a questão central deste trabalho consistiu em analisar como a literatura científica internacional tem abordado as ameaças ocupacionais laborais e, de que forma o mapeamento científico pode contribuir para identificar padrões, lacunas e direções futuras de investigação. A análise empreendida foi fundamentada em critérios de sistematicidade, reprodutibilidade e transparência, buscando oferecer um panorama

estruturado da evolução do campo e fornecer subsídios qualificados a pesquisadores e formuladores de políticas voltados à promoção de ambientes laborais mais saudáveis.

Referencial Teórico

As reconfigurações do capitalismo contemporâneo - caracterizadas pela globalização, pelo avanço das tecnologias digitais e pela adoção de arranjos produtivos flexíveis - modificaram de maneira significativa os processos de trabalho, os paradigmas de gestão e as formas de inserção laboral. Esse cenário intensificou as demandas cognitivas e contribuiu para a ampliação da instabilidade profissional. Nesse contexto, as condições de estresse laboral assumem relevância ao evidenciar as conexões entre ambiente profissional, subjetividade e equilíbrio emocional (Lucca & Magalhães, 2025).

A análise sociológica interpreta tais riscos como produtos de práticas de gestão e de estruturas de poder (Lara-Moreno et al., 2025). Estudos clássicos demonstraram que elevadas exigências associadas à baixa liberdade decisória, favorecem o sofrimento psíquico (Karasek Jr., 1979). Posteriormente, Johnson e Hall (1988) incorporaram o suporte social, consolidando a estrutura teórica demanda-controle-suporte. Pesquisas recentes confirmam que sobrecarga, restrição da independência e insegurança ocupacional constituem fatores que potencializam o adoecimento (Trujillo et al., 2025).

Nesse mesmo campo, Siegrist (1996) desenvolveu o referencial esforço-recompensa, relacionando o desequilíbrio entre investimento e retorno a impactos cardiovasculares e a aflição mental. A Psicodinâmica ao considerar esse desequilíbrio, enfatiza as tensões entre prescrições formais e estratégias reais, destacando que a ausência de reconhecimento favorece pressão psicológica, ansiedade e depressão (Himani Srihita et al., 2025). Essa perspectiva converge com a análise de Ganster e Rosen (2013), que apontaram a sobrecarga alostática como resultado da extrapolação da capacidade individual diante de desafios ambientais.

Sob outro enfoque, a Teoria Crítica problematiza a racionalização instrumental, evidenciando que culturas organizacionais orientadas exclusivamente a resultados intensificam *burnout* e alienação (Salvagioni et al., 2017; Nascimento Teixeira et al., 2025). Essa dinâmica, conforme Schulte et al. (2024) e Barros et al. (2025), promove a ausência de apoio coletivo, agravando situações de isolamento e competição, o que eleva a incidência de transtornos mentais.

As contribuições de Karasek Jr. (1979), Johnson e Hall (1988) e Siegrist (1996) oferecem fundamentos sólidos para compreender como exigências, autonomia, suporte social e reciprocidade influenciam diretamente a saúde mental. Revisões sistemáticas reforçam a consistência empírica dessas dimensões (Stansfeld & Candy, 2006; Theorell et al., 2015; Lentner et al., 2025). Paralelamente, perspectivas críticas e psicodinâmicas ampliam o debate ao evidenciar que os processos de adoecimento não podem ser desvinculados das dinâmicas estruturais e das condições concretas que moldam o trabalho.

Metodologia

A sistematização e análise da produção científica internacional foi feita adotando um fluxo metodológico voltado à organização, ao tratamento e à análise de dados bibliográficos (Lazarides et al., 2025). Assim, os dados foram coletados em 01 de janeiro de 2026, na base *Web of Science* (WoS). A escolha por essa base se justifica por sua ampla cobertura internacional, rigor metodológico e credibilidade consolidada em estudos bibliométricos.

Diferentemente de bases como *Scopus* ou *ScienceDirect*, a WoS apresenta elevada padronização dos metadados e ferramentas integradas que favorecem análises comparativas e replicáveis, se destaca pela consistência qualitativa e tradição em pesquisas bibliométricas.

A estratégia de busca foi delineada por palavras-chave em inglês, combinadas com operadores booleanos e truncamentos, assegurando a recuperação de registros relevantes (Donthu et al., 2021; Jones, 2024). Essa estratégia considerou artigos revisados por pares e publicados em língua inglesa.

O processo de seleção inicial resultou em 20.797 registros relacionados ao tema, e que, após utilização dos filtros acesso aberto e artigos resultaram em 9.269 artigos publicados em revistas científicas compondo assim o *corpus documental* utilizado. Em que, estes artigos foram organizados inicialmente em planilhas eletrônicas para controle, padronização das informações e identificação de duplicidades (Ellegaard & Wallin, 2015; Kumar et al., 2024; Passas, 2024). Sendo em seguida, consolidado um banco de dados.

Na etapa seguinte, as referências foram importadas para o software *Zotero* versão 8, sendo os metadados revisados e organizados de forma padronizada (Wahab, 2024). O uso dessa ferramenta favoreceu a uniformização das informações bibliográficas e mitigou inconsistências ao longo da redação. Posteriormente, os dados foram exportados para o *VOSviewer* versão 1.6.20, utilizado na análise de redes bibliométricas (Kumar et al., 2024).

A análise se concentrou em indicadores bibliométricos amplamente reconhecidos, como crescimento temporal das publicações, distribuição em periódicos, produtividade de autores e coocorrência de palavras-chave (Kaushik & Dangwal, 2025; Lazarides et al., 2025).

Os resultados foram analisados a partir das contribuições da Psicodinâmica e da Teoria Crítica, o que ampliou a densidade interpretativa e possibilitou compreender os padrões observados como manifestações das transformações contemporâneas no universo laboral.

Resultados e discussão

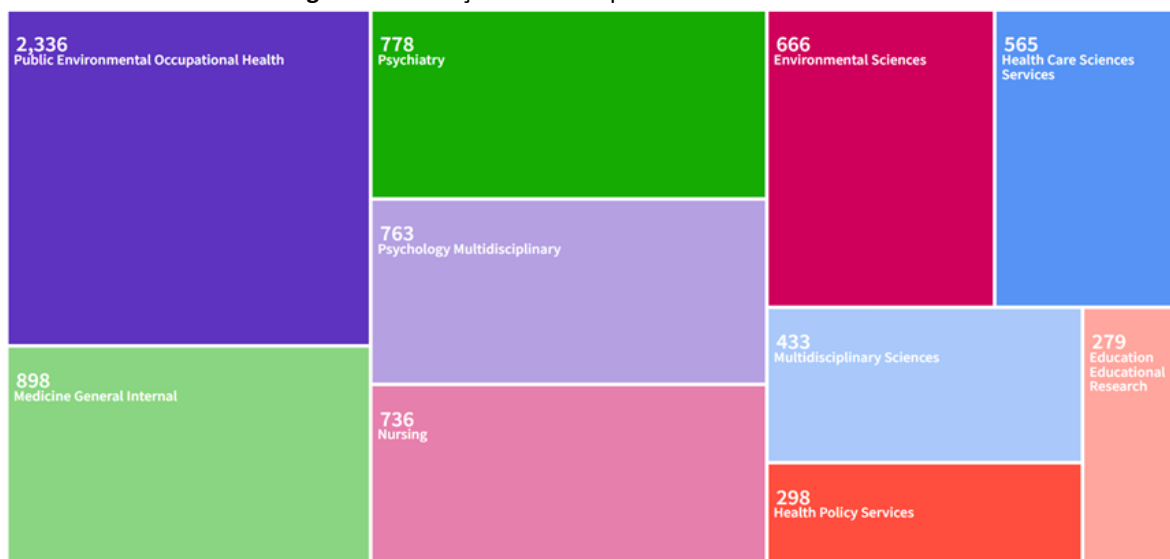
A escolha da base de dados WoS, em razão de suas características intrínsecas, reforça que a qualidade dos resultados em análises bibliométricas depende diretamente da concepção da estratégia de busca (Sánchez-Calvillo, 2024). Nesse sentido, foi delineado um procedimento que considerou tanto as especificidades da WoS, quanto os objetivos da investigação.

A busca foi feita com palavras-chave diretamente relacionadas ao objeto do trabalho, sendo estas definidas de acordo com os trabalhos de Setta e Lucca (2024) e de Himani Srihita et al. (2025), conforme o seguinte *script*: TS=((("psychosocial risk" OR "psychosocial hazard" OR "psychosocial fator" OR "psychosocial stress" OR "psychosocial exposure" OR "occupational stress" OR "workplace stress" OR "job stress" OR "job burnout" OR "burnout syndrome" OR "professional burnout" OR "Maslach Burnout Inventory") AND ("mental health" OR "psychological health" OR "psychological distress" OR "depression" OR "anxiety" OR "burnout" OR "job burnout" OR "burnout syndrome" OR "professional burnout" OR "Maslach Burnout Inventory" OR "wellbeing" OR "emotional exhaustion") AND ("work" OR "workplace" OR "job" OR "employment" OR "occupational" OR "organization" OR "professional environment"))).

Os resultados foram refinados por critérios de acesso aberto, tipo de documento (artigos), período de 1945 a 2025 e índices específicos: *SCI-EXPANDED*, *SSCI*, *ESCI* e *A&HCI*. Essa estratégia permitiu identificar registros pertinentes ao tema, garantindo abrangência e relevância para a análise.

A investigação evidenciou que os termos selecionados possibilitaram captar produções acadêmicas sobre riscos psicossociais e saúde mental (Figura 1). A partir dessa captação, foi observada uma concentração significativa de estudos em diferentes áreas do conhecimento.

Figura 1 - Produção científica por áreas do conhecimento



Fonte: Autor (2026).

Os resultados revelaram um *corpus documental* de elevada robustez acadêmica, com 9.269 registros, que apresentavam 127.475 citações em artigos científicos publicados. Dentro desse *corpus*, 120.958 registros não recorreram a autocitações, reforçando a legitimidade das referências. O *H-Index* médio de 154 confirma a qualidade e a influência dos estudos, evidenciando impacto científico consistente.

Após a recuperação dos registros, os metadados foram exportados em arquivos de extensão “.txt”, organizados em planilhas eletrônicas para controle e padronização das informações bibliográficas, além da identificação de duplicidades (Kumar, 2024; Passas, 2024). Esse procedimento permitiu consolidar um banco de dados único, além de possibilitar a verificação da integridade dos registros antes das análises subsequentes, sendo identificados e removidos 37 registros duplicados.

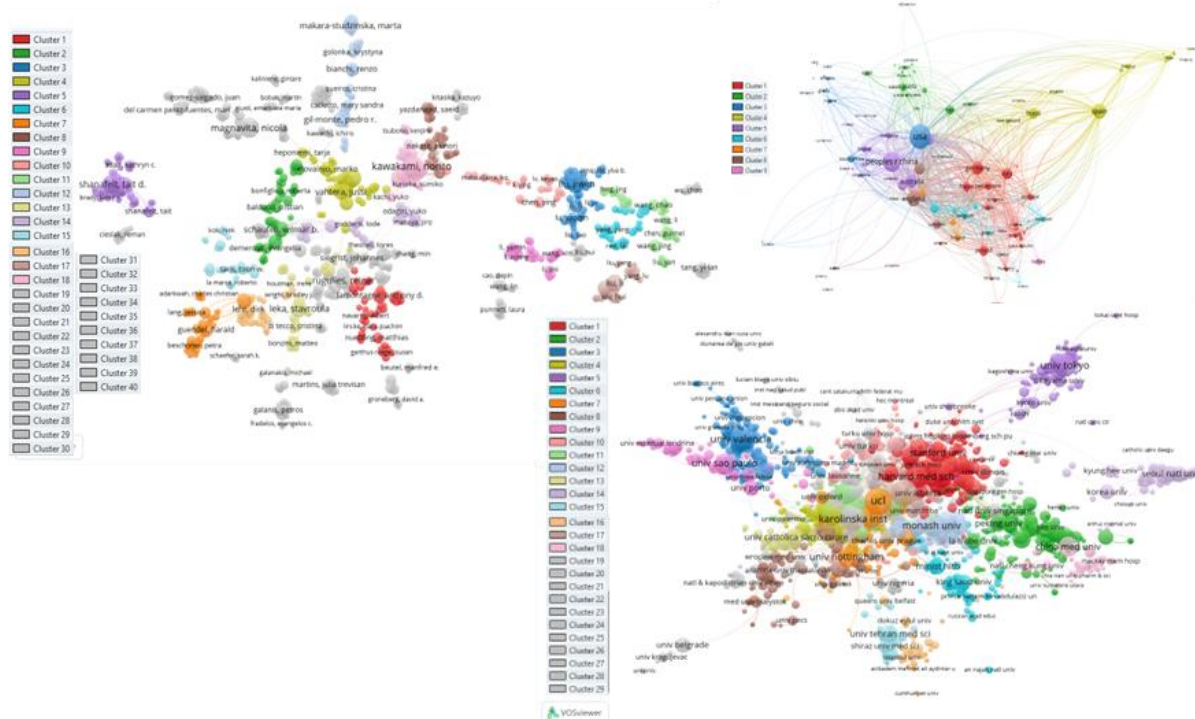
Na sequência, o arcabouço foi importado para o Zotero, sendo os metadados ajustados e uniformizados (Wahab, 2024). Posteriormente, com o uso do VOSviewer, foram verificadas malhas de parceria entre pesquisadores, instituições e países, coocorrência de palavras-chave, artigos e periódicos, e 2.160 das 18.371 palavras-chave atendiam aos critérios estabelecidos (Figura 2). Para a construção das redes de coocorrência, foi definido como parâmetro mínimo a ocorrência de cinco vezes de cada palavra-chave, resultando na seleção das 2.160 que ultrapassaram esse limiar. Esse procedimento assegurou que os descritores com maior relevância e interconexão fossem considerados na composição da malha, permitindo a identificação de núcleos temáticos robustos e representativos da produção científica analisada.

A análise das redes bibliométricas revelou a consolidação de núcleos temáticos distintos ao longo de oito décadas de produção científica sobre fatores psicossociais e bem-estar psicológico (Figura 2). O núcleo central, estruturado em torno de termos como *burnout*, *depression*, *prevalence* e *work*, evidencia a predominância de estudos voltados à mensuração da ocorrência desses agravos e sua relação direta com a organização laboral.

Por fim, agrupamentos periféricos, mas em expansão, incorporam conceitos como *psychological capital*, *leadership*, *recovery* e *remote working* (Clusters 9, 10 e 11). Esses temas refletem tendências recentes da pesquisa até 2025, indicando uma mudança no campo: a valorização de estratégias preventivas e de recursos psicológicos positivos como forma de mitigar vulnerabilidades. A emergência desses *clusters* periféricos sugere a diversificação das abordagens sobre *burnout*, e também o fortalecimento de perspectivas voltadas à promoção da resiliência organizacional e ao desenvolvimento de ambientes de trabalho mais sustentáveis (Trujillo et al., 2025).

Em conjunto, as malhas analisadas evidenciam uma trajetória científica marcada pela ampliação do escopo analítico, pela integração de múltiplos níveis de investigação e pelo reconhecimento de que enfrentar fatores de pressão no ambiente laboral e promover a saúde mental constitui um desafio contemporâneo relevante. A Figura 3 complementa essa análise ao apresentar núcleos de cooperação científica, destacando redes de autores, países e instituições que sustentam o avanço do campo. Para a construção dessas redes no VOSviewer, foram estabelecidos parâmetros mínimos de inclusão: cinco ocorrências para palavras-chave (resultando em 2.160 termos selecionados), três documentos para países (113 atendendo ao critério), três documentos para organizações (1.871 incluídas) e três documentos para autores (1.672 selecionados), sem restrição adicional quanto ao número de citações.

Figura 3 - Redes de colaboração e tessitura relacionadas ao bem-estar psicológico no ambiente de trabalho



Fonte: Autor (2026).

A leitura integrada de ecossistemas de interação científica apresentadas na Figura 3 não evidencia exclusivamente a complexidade e o grau de maturidade alcançado pela produção científica internacional sobre condições psicossociais e bem-estar do trabalho ao longo de aproximadamente oito décadas, mas também revela tensões e desigualdades estruturais que condicionam esse desenvolvimento.

O mapeamento de pesquisadores mostra a formação de múltiplos agrupamentos relativamente coesos, organizados em torno de pesquisadores de referência. Contudo, a

centralidade desses líderes acadêmicos, embora tenha contribuído para consolidar linhas teóricas e metodológicas específicas, também pode ter reforçado dinâmicas de concentração de poder científico, limitando a emergência de perspectivas alternativas. Os *clusters* refletem afinidades temáticas e processos históricos de cooperação, mas a circulação de conceitos como exaustão profissional, estresse ocupacional e bem-estar psicológico laboral ocorreu de forma cumulativa e progressiva em contextos predominantemente ocidentais, o que sugere uma difusão marcada por vieses culturais e socioeconômicos.

No interior dessas malhas, os núcleos centrais compostos por pesquisadores amplamente citados atuam como vetores de difusão do conhecimento e articuladores de colaborações interinstitucionais. Entretanto, a concentração de investigações em setores de alta demanda emocional, como saúde e educação, indica uma tendência de focalização que, embora relevante, pode restringir a compreensão sistêmica do fenômeno ao negligenciar outros segmentos laborais igualmente vulneráveis.

As redes de colaboração científica entre diferentes países evidenciaram a centralidade de polos hegemônicos na produção e disseminação do conhecimento, que atuam como *hubs* internacionais ao conectar regiões diversas e impulsionar agendas globais de pesquisa. Em contrapartida, pode ser verificada a participação limitada de contextos periféricos, marcada por obstáculos persistentes à internacionalização, como a escassez de financiamento e as dificuldades em incorporar realidades laborais atravessadas por desigualdades sociais mais intensas. Essa assimetria indica que os avanços globais no campo ainda demandam elevada representatividade e evidências contextualizadas.

No plano institucional, os núcleos indicaram a proeminência de universidades e centros de pesquisa com tradição em saúde pública, medicina ocupacional, psicologia e ciências sociais aplicadas. Organizações norte-americanas, europeias e asiáticas aparecem fortemente interconectadas, favorecendo ambientes de pesquisa interdisciplinar e o financiamento de estudos de longo prazo. Contudo, essa configuração também reforça a dependência de sistemas acadêmicos robustos e de políticas de ciência e tecnologia consolidadas, o que amplia a distância entre centros de excelência e instituições localizadas em contextos menos favorecidos.

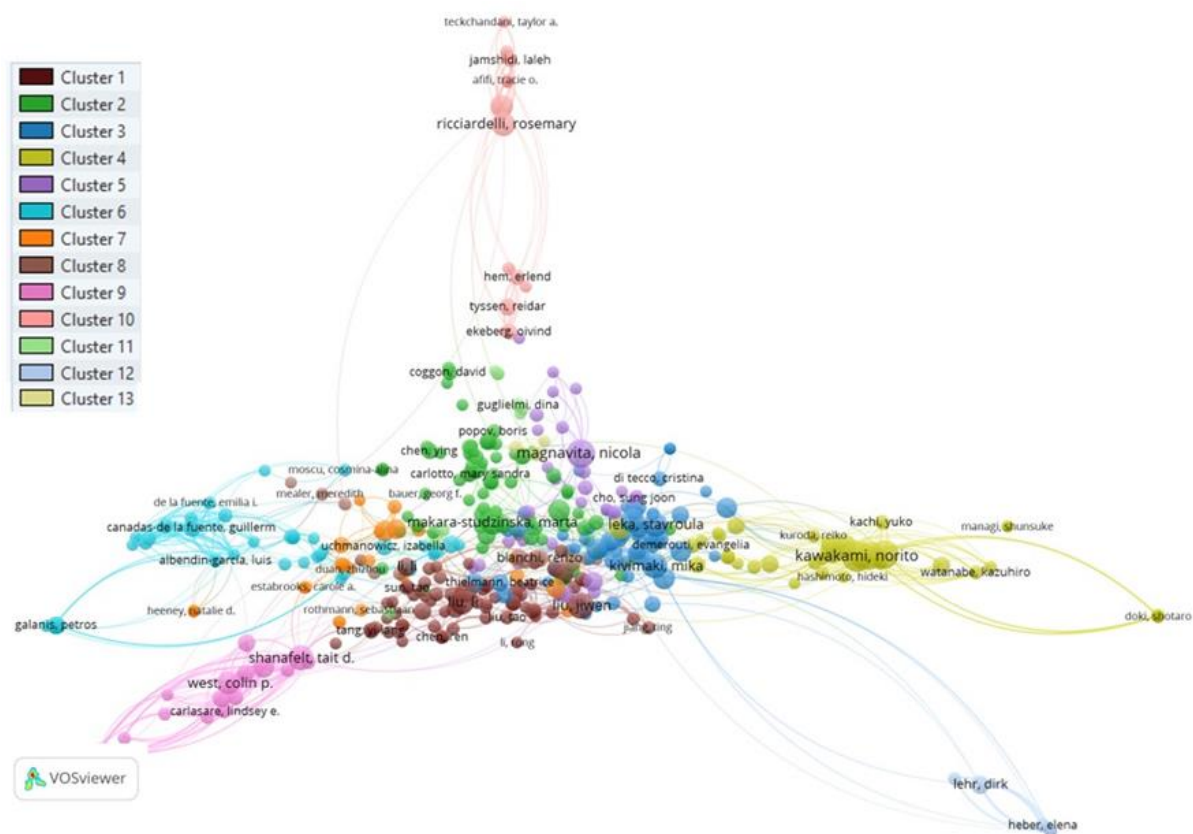
De forma articulada, as três malhas - autores, entidades acadêmicas e países - evidenciaram que os desafios relacionados aos riscos psicossociais e à saúde mental laboral ultrapassam fronteiras disciplinares e geográficas. A consolidação de núcleos colaborativos robustos demonstra avanços relevantes, ao mesmo tempo em que revela a necessidade de ampliar perspectivas e incorporar diferentes contextos de trabalho. O fortalecimento de ecossistemas de colaboração mais equitativos e globais constitui, portanto, um passo essencial para enfrentar de maneira eficaz e sustentável os fatores psicossociais no século XXI.

A rede de coautoria apresentada na Figura 4, composta por 13 agrupamentos distintos, evidencia comunidades de pesquisadores que compartilham elevada frequência de colaboração. A disposição dos nós revela tanto a proximidade temática quanto a intensidade das interações, destacando núcleos de máxima relevância e interconexão. Essa configuração, embora demonstre diversidade de grupos atuantes, também sugere a existência de hierarquias implícitas e de barreiras à circulação plena do conhecimento, o que reforça a necessidade de estratégias de cooperação científica que privilegiem a inclusão e a pluralidade epistemológica.

A análise do gráfico de rede de citações evidencia a consolidação de *clusters* científicos bem definidos, como também revela dinâmicas de concentração e hierarquização que moldaram a

evolução histórica e a especialização temática das pesquisas sobre condições psicossociais e bem-estar no contexto laboral ao longo de aproximadamente 80 anos (Figura 4). Os núcleos mais densos da rede concentram pesquisadores com elevada centralidade e forte capacidade de articulação, o que indica trajetórias acadêmicas consolidadas e influência significativa na conformação do campo. Entretanto, essa centralidade, ao mesmo tempo em que impulsiona a difusão de conceitos e metodologias, pode indicar uma restrição a diversidade epistemológica, reforçando hegemonias teóricas e metodológicas.

Figura 4 - Coautoria e *clusters* de pesquisadores



Fonte: Autor (2026).

Entre os cientistas mais citados e estruturalmente centrais estão Christina Maslach - *University of California* (Maslach et al., 2001), Wilmar B. Schaufeli - *Utrecht University* (Schaufeli et al., 2002), Arnold B. Bakker - *Erasmus University Rotterdam* (Bakker & Demerouti, 2007), Mika Kivimäki - *University College London* e *Finnish Institute of Occupational Health* (Kivimäki et al., 2002), Norito Kawakami - *University of Tokyo* (Kawakami et al., 1992) e Tait D. Shanafelt - *Stanford University School of Medicine* (Shanafelt et al., 2015). Suas contribuições foram decisivas para a consolidação dos estudos sobre *burnout*, estresse ocupacional e fatores psicossociais. A posição desses investigadores na rede revela elevada produtividade e forte conectividade com diferentes grupos de pesquisa, funcionando como elos entre subcampos temáticos. Essa centralidade sugere que suas estruturas teóricas e instrumentos analíticos têm servido como referência global, mas também evidencia o risco de cristalização de paradigmas dominantes, dificultando a incorporação de abordagens alternativas.

No plano institucional, a rede revela a proeminência de universidades e centros de pesquisa localizados majoritariamente na Europa Ocidental, América do Norte e Ásia Oriental. Associações como *Karolinska Institutet*, *Utrecht University*, *University College London*, *Harvard University*, *Stanford University* e *University of Tokyo* aparecem como polos estruturantes da

e interconectadas indica um campo científico amadurecido, no qual conceitos clássicos permanecem centrais, mas novas abordagens emergem em resposta às transformações organizacionais, tecnológicas e sociais. Pesquisadores seminais, como Sabine Sonnentag - *University of Mannheim* (Sonnentag & Fritz, 2007), Wilmar B. Schaufeli - *Utrecht University* (Schaufeli et al., 2002), Arnold B. Bakker - *Erasmus University* (Bakker & Demerouti, 2007), Andrew P. A. Steptoe - *University College London* (Steptoe & Kivimäki, 2013) e Pekka Elo - *Tampere University* (Elo et al., 2003), ocupam posições estruturantes na rede, funcionando como nós de alta centralidade. Essa centralidade, embora favoreça a difusão de modelos teóricos e metodológicos, também pode reforçar hegemonias acadêmicas, limitando a pluralidade de perspectivas.

Núcleos mais antigos, ancorados em trabalhos como de Elo et al. (2003) e, Steptoe e Kivimäki (2012), estavam concentrados em temas relacionados ao estresse ocupacional, demandas psicossociais e saúde cardiovascular. Essa configuração reflete uma abordagem inicialmente mais biomédica e epidemiológica, sustentada por periódicos de referência nas áreas de saúde pública, medicina ocupacional e psicologia aplicada. A densidade dessas conexões sugere que tais fundamentos teóricos continuam a orientar investigações contemporâneas, mas também evidencia certa dependência de paradigmas consolidados, o que pode dificultar a incorporação de novas dimensões analíticas.

Em um segundo momento evolutivo, se destacam *clusters* intermediários associados as pesquisas de Schaufeli e Enzmann (2000), Bakker e Demerouti (2007) e, Fahrenkopf et al. (2008), nos quais ganham protagonismo os conceitos de *burnout*, engajamento e demandas-recursos (*Job Demands-Resources* - JD-R). Esses agrupamentos apresentam alta intensidade de coocorrência e forte proximidade temporal, indicando um período de intensa produção científica e consolidação conceitual. A centralidade desses núcleos evidencia que a fadiga ocupacional deixou de ser compreendida como desfecho individual para ser reconhecido como fenômeno organizacional, relacionado a estilos de gestão, condições laborais e políticas institucionais. Essa mudança de perspectiva marca um avanço crítico, mas também expõe a necessidade de ampliar o olhar para além dos ambientes formais, incorporando realidades laborais mais precárias e informais.

Os demais *clusters*, associados a autores como Shanafelt et al. (2015), Levecque et al. (2017), Mo et al. (2020) e Prasad et al. (2021), refletem uma ampliação do escopo analítico, incorporando discussões sobre condição psíquica de profissionais da saúde, precarização ambiental, intensificação laboral e impactos de eventos críticos em escala mundial. Nessa fase, pode ser constatada uma elevada diversidade institucional e geográfica, com crescimento significativo da produção oriunda de países asiáticos e latino-americanos, além do fortalecimento de redes colaborativas internacionais. Esse processo evidencia que fatores psicossociais passaram a ser reconhecidos como um desafio de natureza sistêmica, com impactos diretos sobre a sustentabilidade das organizações (Tabela 1).

As análises realizadas evidenciaram que os estudos vinculados à pesquisa evoluíram de modelos explicativos mais lineares para abordagens complexas e multiníveis, articulando indivíduo, organização e contexto socioeconômico (Tabela 1). Essa transição demonstra o amadurecimento teórico e a necessidade de respostas mais sofisticadas diante da crescente complexidade das relações laborais. Além disso, a predominância de revistas científicas de elevada relevância e o papel central de instituições europeias e norte-americanas confirmam a liderança histórica desses países, ao mesmo tempo em que revelam uma assimetria persistente na distribuição global do conhecimento. A expansão recente de outros contextos nacionais, embora promissora, ainda carece de maior visibilidade e integração, o que reforça

a urgência de análises mais sensíveis às realidades locais e às desigualdades estruturais que permeiam o mundo laboral.

A produção científica investigada passou por uma evolução significativa, a partir de referenciais explicativos lineares para abordagens mais complexas e multiníveis, que articulam indivíduo, organização e contexto socioeconômico (Tabela 1). Essa mudança evidencia um amadurecimento teórico e aponta para a necessidade de respostas mais sofisticadas diante da crescente complexidade das relações laborais. A predominância de periódicos de elevada relevância acadêmica, associada ao protagonismo de sociedades europeias e norte-americanas, reafirma a liderança histórica desses países, como também revela uma persistente desigualdade na distribuição global do conhecimento. Embora o crescimento recente de pesquisas em outros contextos nacionais seja promissor, ainda precisa de visibilidade e integração, o que reforça a urgência de análises mais sensíveis às especificidades locais e às desigualdades estruturais que atravessam ambientes.

Tabela 1 - Principais periódicos, organizações e países associados aos *clusters*

Cluster temático predominante	Principais periódicos/revistas mais citados	Instituições mais recorrentes	Países com elevada produção
Estresse ocupacional e saúde	<i>Journal of Occupational Health Psychology</i> e <i>Scandinavian Journal of Work, Environment & Health</i>	<i>Karolinska Institutet</i> e <i>University College London</i>	Suécia e Inglaterra
<i>Burnout</i> e engajamento no trabalho	<i>Journal of Applied Psychology</i> ; <i>Work & Stress</i> e <i>Burnout Research</i>	<i>Utrecht University</i> e <i>KU Leuven</i>	Holanda e Bélgica
Demandas psicossociais e JD-R	<i>European Journal of Work and Organizational Psychology</i> e <i>Occupational and Environmental Medicine</i>	<i>Erasmus University</i> e <i>University of Manchester</i>	Holanda e Inglaterra
Saúde mental, bem-estar e crises contemporâneas	<i>The Lancet Psychiatry</i> ; <i>Journal of Affective Disorders</i> e <i>International Journal of Environmental Research and Public Health</i>	<i>Harvard University</i> e <i>Peking University</i>	Estados Unidos e China

Fonte: Autor (2026).

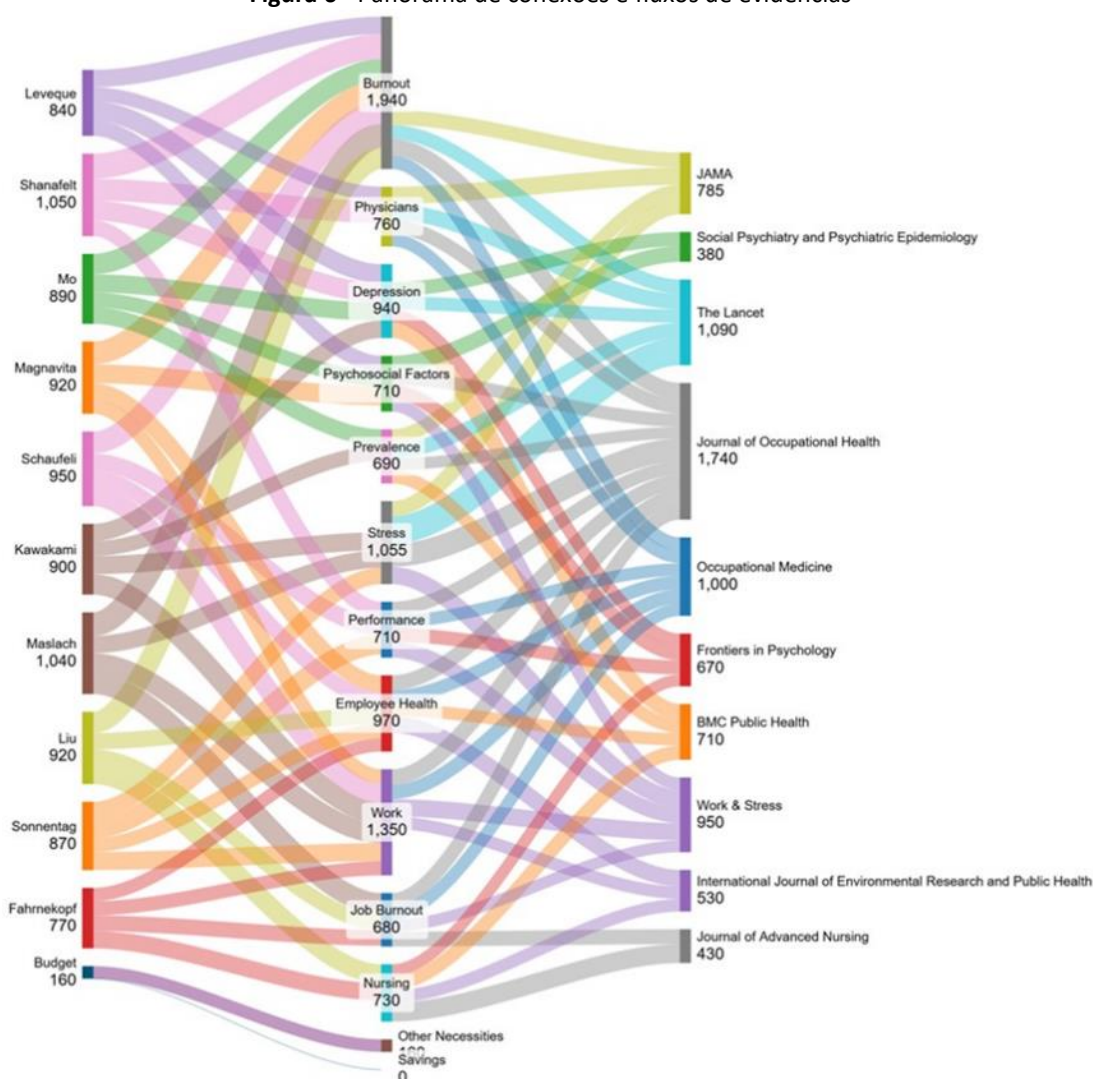
As evidências bibliométricas levantadas na literatura internacional sugerem a forte concentração de estudos em torno da fadiga ocupacional, depressão e fatores psicossociais relacionados ao ambiente laboral. Essa predominância, embora tenha contribuído para consolidar o campo, pode também ter limitado a diversificação temática, deixando em segundo plano dimensões igualmente relevantes, como precarização, intensificação do trabalho e impactos de crises globais. A recorrência de publicações em periódicos de elevado impacto, como *Journal of Occupational Health*, *JAMA* e *The Lancet*, demonstra a relevância científica e social do tema, sugerindo também que a legitimação acadêmica está fortemente vinculada a canais tradicionais de difusão, algo que pode restringir a circulação de perspectivas oriundas de contextos periféricos.

Pesquisadores como Tait D. Shanafelt - *Stanford University School of Medicine* (Shanafelt et al., 2015) e Christina Maslach (Maslach et al., 2001) aparecem como referências centrais, reforçando a relevância do tema na comunidade científica. No entanto, a centralidade desses nomes também evidencia a concentração de capital científico em torno de poucos atores, o que pode dificultar a emergência de novas lideranças acadêmicas e a pluralização das agendas de pesquisa.

O diagrama de Sankey a seguir (Figura 6), ao organizar essas conexões, evidencia a intensidade dos vínculos entre palavras-chave e periódicos, permitindo visualizar como os estudos se distribuem e apontando os principais eixos de investigação sobre riscos psicossociais e bem-estar psicológico no ambiente laboral. Essa visualização, além de confirmar a robustez das redes temáticas anteriores (Figuras 2 a 5), explicita a necessidade de ampliar o escopo analítico, incorporando realidades laborais diversas para promover equidade na construção científica e na difusão de evidências.

A partir do diagrama de Sankey é possível evidenciar a expansão das pesquisas sobre condições psicossociais e bem-estar, com destaque para burnout, depressão, desempenho e interações sociais (Figura 6). As conexões entre periódicos e palavras-chave mostram concentração em profissionais da saúde, além de indicarem expansão para outros setores, ainda que fortemente condicionada por contextos específicos. Esse movimento revela um processo de crescente complexificação teórica e metodológica, impulsionado pela integração de diferentes campos de conhecimento, como psicologia, medicina ocupacional e gestão de pessoas.

Figura 6 - Panorama de conexões e fluxos de evidências



Fonte: Autor (2026).

A análise bibliométrica confirma que a produção científica sobre fatores psicossociais e saúde mental é robusta, interdisciplinar e de impacto global. Em cerca de oito décadas, pode ser

observado crescimento das produções acadêmicas e formação de malhas densas de colaboração entre autores, instituições e países. Essa configuração evidencia a maturidade do campo, indicando a concentração de poder científico em polos específicos, o que pode restringir a diversidade de perspectivas e a inclusão de realidades laborais periféricas.

Os resultados sugerem que conceitos centrais como exaustão profissional, depressão e estresse ocupacional permanecem estruturantes, contudo, novas abordagens vêm emergindo, incorporando dimensões organizacionais, biomédicas e preventivas. A preocupação com impactos no desempenho, na rotatividade e nas condições de trabalho evidencia a complexidade do fenômeno e sua relevância estratégica para organizações e sociedades. Além disso, a predominância de países e sociedades de alta tradição científica, aliada à crescente participação de contextos asiáticos e latino-americanos, indica uma expansão geográfica que amplia a diversidade de perspectivas. No entanto, persistem assimetrias importantes, que reforçam a necessidade de cooperação científica internacional mais equitativa e de políticas institucionais sólidas. Em conjunto, os resultados evidenciam que enfrentar os desafios relacionados ao bem-estar laboral requer abordagens integradas que articulem indivíduo, organização e sociedade (Tabela 1).

Essa trajetória revela a consolidação de um campo científico, como também a urgência de transformar o conhecimento acumulado em práticas e políticas capazes de mitigar os impactos do adoecimento mental no ambiente laboral e possibilitar atmosferas ambientais mais profícuas e equilibradas.

Considerações finais

O mapeamento acadêmico realizado contribui de maneira relevante tanto para o avanço teórico quanto para a prática organizacional. No âmbito acadêmico, o trabalho oferece uma visão abrangente das principais tendências internacionais, destacando pesquisadores, periódicos e países que se sobressaem na produção científica relacionada ao tema. Essa sistematização fortalece a compreensão conceitual e favorece o desenvolvimento de modelos analíticos mais consistentes. No campo aplicado, os resultados apresentam informações sobre condições de sobrecarga mental laboral que podem orientar práticas organizacionais mais alinhadas às evidências científicas disponíveis.

Apesar das relevantes contribuições, é importante reconhecer algumas limitações metodológicas. A utilização exclusiva da base *Web of Science* (WoS) restringe o escopo da análise, uma vez que outras bases, especialmente de caráter regional, não foram incluídas.

Para pesquisas futuras, é recomendado ampliar o corpus de análise, incorporando bases regionais como *SciELO* e *Redalyc*, que podem revelar perspectivas latino-americanas e outras contribuições não capturadas pela WoS. Também é sugerida a inclusão de abordagens qualitativas, capazes de aprofundar a compreensão dos contextos organizacionais e das experiências subjetivas dos trabalhadores. E, com isso essas pesquisas podem priorizar intervenções preventivas, estratégias organizacionais e políticas públicas voltadas à redução de desigualdades, promovendo ambientes laborais inclusivos e sustentáveis e consolidando o tema como prioridade global.

Dessa maneira, esta contribuição acadêmica constitui um avanço relevante para a consolidação do campo e abre caminhos promissores a investigações futuras que ampliem e diversifiquem a compreensão sobre os desafios relacionados ao bem-estar no trabalho.

Referências



Bakker, A. B., & Demerouti, E. (2007). The job demands-resources model: State of the art. *Journal of Managerial Psychology*, 22(3), 309-328. <https://doi.org/10.1108/02683940710733115>.

Barros, C., Fernandes, C., & Baylina, P. (2025). Psychosocial risk factors and burnout among teachers: Can emotional intelligence make a difference?. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 22(9), 1439. <https://doi.org/10.3390/ijerph22091439>.

Di Tecco, C., Persechino, B., & Iavicoli, S. (2023). Psychosocial risks in the changing world of work: Moving from the risk assessment culture to the management of opportunities. *La Medicina del Lavoro*, 114(2), e2023013. <https://doi.org/10.23749/mdl.v114i2.14362>.

Donthu, N., Kumar, S., Mukherjee, D., Pandey, N., & Lim, W. M. (2021). How to conduct a bibliometric analysis: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*, 133, 285-296. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2021.04.070>.

Elo, A. L., Leppänen, A., & Jahkola, A. (2003). Validity of a single-item measure of stress symptoms. *Scandinavian Journal of Work, Environment & Health*, 29(6), 444-451. <https://doi.org/10.5271/sjweh.752>.

Ellegaard, O., & Wallin, J. A. (2015). The bibliometric analysis of scholarly production: How great is the impact? *Scientometrics*, 105(3), 1809-1831. <https://doi.org/10.1007/s11192-015-1645-z>.

Fahrenkopf, A. M., Sectish, T. C., Barger, L. K., Sharek, P. J., Lewin, D., Chiang, V. W., Edwards, S., Wiedermann, B. L., & Landrigan, C. P. (2008). Rates of medication errors among depressed and burnt out residents: prospective cohort study. *BMJ*, 336(7642), 488-491. <https://doi.org/10.1136/bmj.39469.763218.BE>.

Ganster, D. C., & Rosen, C. C. (2013). Work stress and employee health: A multidisciplinary review. *Journal of Management*, 39(5), 1085-1122. <https://doi.org/10.1177/0149206313475815>.

Himani Srihita, R., Goli, G., Rajyalaxmi, M., & Gobinath, R. (2025). Transformative dynamics of the gig economy: Technological impacts, worker well-being and global research trends. *International Journal of Engineering Business Management*, 17, 18479790241310362. <https://doi.org/10.1177/18479790241310362>.

Johnson, J. V., & Hall, E. M. (1988). Job strain, work place social support, and cardiovascular disease: a cross-sectional study of a random sample of the Swedish working population. *American Journal of Public Health*, 78(10), 1336-1342. <https://doi.org/10.2105/AJPH.78.10.1336>.

Jones, A. W. (2024). Bibliometric evaluation of Journal of Analytical Toxicology as a scholarly publication according to the Web-of-Science citation database. *Journal of Analytical Toxicology*, 48(1), 1-8. <https://doi.org/10.1093/jat/bkad080>.

Karasek Jr, R. A. (1979). Job demands, job decision latitude, and mental strain: Implications for job redesign. *Administrative Science Quarterly*, 24(2), 285-308. <https://doi.org/10.2307/2392498>.

Kaushik, N., & Dangwal, R. C. (2025). A bibliometric analysis on entrepreneurial orientation and performance literature using VOSviewer software. *Vision*, 29(3), 387-403. <https://doi.org/10.1177/09722629231169100>.

Kawakami, N., Haratani, T., & Araki, S. (1992). Effects of perceived job stress on depressive symptoms in blue-collar workers of an electrical factory in Japan. *Scandinavian Journal of Work, Environment & Health*, 18(3), 195-200. <https://doi.org/10.5271/sjweh.1588>.

Kivimäki, M., Leino-Arjas, P., Luukkonen, R., Riihimäi, H., Vahtera, J., & Kirjonen, J. (2002). Work stress and risk of cardiovascular mortality: prospective cohort study of industrial employees. *BMJ*, 325(7369), 857. <https://doi.org/10.1136/bmj.325.7369.857>.

Kumar, R., Saxena, S., Kumar, V., Prabha, V., Kumar, R., & Kukreti, A. (2024). Service innovation research: a bibliometric analysis using VOSviewer. *Competitiveness Review: An International Business Journal*, 34(4), 736-760. <https://doi.org/10.1108/CR-01-2023-0010>.

Lara-Moreno, R., Ogallar-Blanco, A. I., Guzmán-Raya, N., & Vázquez-Pérez, M. L. (2025). The Exhaustion Triangle: How Psychosocial Risks, Engagement, and Burnout Impact Workplace Well-Being. *Behavioral Sciences*, 15(4), 408. <https://doi.org/10.3390/bs15040408>.

Lazarides, M. K., Lazaridou, I. Z., & Papanas, N. (2025). Bibliometric analysis: Bridging informatics with science. *The International Journal of Lower Extremity Wounds*, 24(3), 515-517. <https://doi.org/10.1177/15347346231153538>.

- Lentner, S., Haberl, E., Baciú, L., Dür, M., Lischka, C., Fallahpour, M., Guidetti, S., & Köttl, H. (2025). Interventions promoting occupational balance in adults: A systematic literature review. *Plos one*, 20(6), e0325061. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0325061>.
- Levecque, K., Anseel, F., Beuckelaer, A., Van Der Heyden, J., & Gisle, L. (2017). Work organization and mental health problems in PhD students. *Research Policy*, 46(4), 868-879. <https://doi.org/10.1016/j.respol.2017.02.008>.
- Lucca, S. R., & Magalhães, A. F. A. (2025). The relevance of psychosocial risk factors at work in the NR-1 Risk Management Program. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, 22(4), e2024224. <https://doi.org/10.47626/1679-4435-2024-224>.
- Maslach, C., Schaufeli, W. B., & Leiter, M. P. (2001). Job burnout. *Annual Review of Psychology*, 52(2001), 397-422. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.397>.
- Mo, Y., Deng, L., Zhang, Lang, Q., Liao, C., Wang, N., Qin, M., & Huang, H. (2020). Work stress among Chinese nurses to support Wuhan in fighting against COVID-19 epidemic. *Journal of Nursing Management*, 28(5), 1002-1009. <https://doi.org/10.1111/jonm.13014>.
- Nascimento Teixeira, I., Silva, I. S., & Cadime, I. M. D. (2025). Psychosocial risks at work: integrative review and conceptual perspectives. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, 23(2), e20251464. <https://doi.org/10.47626/1679-4435-2025-1464>.
- Passas, I. (2024). Bibliometric analysis: The main steps. *Encyclopedia*, 4(2), 1014-1025. <https://doi.org/10.3390/encyclopedia4020065>.
- Prasada, K., McLoughlin, C., Stillman, M., Poplau, S., Goelz, E., Taylor, S., Nankivil, N., Brown, R., Linzer, M., Cappelucci, K., Barbouche, M., & Sinsky, C. A. (2021). Prevalence and correlates of stress and burnout among US healthcare workers during the COVID-19 pandemic: A national cross-sectional survey study. *EClinicalMedicine*, 35, 100879. <https://doi.org/10.1016/j.eclinm.2021.100879>.
- Sánchez-Calvillo, A., Rincón, L., Hamard, E., & Faria, P. (2024). Bibliometric Analysis on Earthen Building: Approaches from the Scientific Literature and Future Trends. *Buildings*, 14(12), 3870. <https://doi.org/10.3390/buildings14123870>.
- Salvagioni, D. A. J., Melanda, F. N., Mesas, A. E., González, A. D., Gabani, F. L., & Andrade, S. M. (2017). Physical, psychological and occupational consequences of job burnout: A systematic review of prospective studies. *PLoS ONE*, 12(10), e0185781. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0185781>.
- Schaufeli, W. B., & Enzmann, D. (2000). *The burnout companion to study and practice: A critical analysis*. Taylor & Francis. <https://doi.org/10.1201/9781003062745>.
- Schaufeli, W. B., Salanova, M., Gonzalez-Romá, V., & Bakeer, A. B. (2002). The measurement of engagement and burnout: A two sample confirmatory factor analytic approach. *Journal of Happiness Studies*, 3, 71-92. <https://doi.org/10.1023/A:1015630930326>.
- Schulte, P. A., Sauter, S. L., Pandalai, S. P., Tiesman, H. M., Chosewood, L. C., Cunningham, T. R., Wurzelbacher, S. J., Pana-Cryan, R., Swanson, N. G., Chang, C. C., Nigam, J. A. S., Reissman, D. B., Ray, T. K., & Howard, J. (2024). An urgent call to address work-related psychosocial hazards and improve worker well-being. *American Journal of Industrial Medicine*, 67(6), 499-514. <https://doi.org/10.1002/ajim.23583>.
- Setta, A. V. A., & Lucca, S. R. (2024). Tecnologias de informação e comunicação: revisão de escopo dos instrumentos de avaliação dos fatores de risco psicossociais no trabalho contemporâneo. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 49, e6. <https://doi.org/10.1590/2317-6369/02722pt2024v49e6>.
- Shanafelt, T. D., Hasan, O., Dyrbye, L. N., Sinsky, C., Satele, D., Sloan, J., & West, C. P. (2015). Changes in burnout and satisfaction with work-life balance in physicians and the general US working population between 2011 and 2014. *Mayo clinic proceeding*, 90(12), 1600-1613. <https://doi.org/10.1016/j.mayocp.2015.08.023>.
- Siegrist, J. (1996). Adverse health effects of high-effort/low-reward conditions. *Journal of Occupational Health Psychology*, 1(1), 27-41. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/1076-8998.1.1.27>.
- Stansfeld, S., & Candy, B. (2006). Psychosocial work environment and mental health—a meta-analytic review. *Scandinavian Journal of Work, Environment & Health*, 32(6), 443-462. <https://doi.org/10.5271/sjweh.1050>.
- Steptoe, A., & Kivimäki, M. (2012). Stress and cardiovascular disease. *Nature Reviews Cardiology*,

2(7), 360–370.
<https://doi.org/10.1038/nrcardio.2012.45>.

Steptoe, A., & Kivimäki, M. (2013). Stress and cardiovascular disease: an update on current knowledge. *Annual Review of Public Health*, 34(1), 337-354. <https://doi.org/10.1146/annurev-publhealth-031912-114452>.

Sonnentag, S., & Fritz, C. (2007). The Recovery Experience Questionnaire: development and validation of a measure for assessing recuperation and unwinding from work. *Journal of Occupational Health Psychology*, 12(3), 204. <https://doi.org/10.1037/1076-8998.12.3.204>.

Theorell, T., Hammarström, A., Aronsson, G., Träskman Bendz, L., Grape, T., Hogstedt, C., Marteinsdottir, I., Skoog, I., & Hall, C. (2015). A systematic review including meta-analysis of work environment and depressive symptoms. *BMC Public Health*, 15(1), 738. <https://doi.org/10.1186/s12889-015-1954-4>.

Trujillo, H. P., Rangel, A. D., Diaz, L. A. D., Vera, W. A. C., Castillo, J. C., & Maldonado, D. J. (2025). Psychosocial Risk Factors in the Health Sector and Psychological Demands, Social Support and Leadership. *Ciencia Latina Revista Científica Multidisciplinar*, 9(4), 1756-1773. https://doi.org/10.37811/cl_rcm.v9i4.18720.

Wahab, A. (2024). Two decades of causal layered analysis: A bibliometric analysis and review (2000–2022). *World Futures Review*, 16(3), 220-243. <https://doi.org/10.1177/19467567241249712>.